



# SENTIDOS DA CIDADE EM PANDEMIA

Literatura e experiência urbana

**Iana Gabriele Souza de Andrade**

(Letras - UCSAL)

**Liliane Vasconcelos**

(Letras - UCSAL)

## INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

**Iana Gabriele Souza de Andrade** é graduanda em letras vernáculas pela Universidade Católica do Salvador. Membro do grupo de pesquisa temporalidades urbanas. E-mail: [iana.andrade@ucsal.edu.br](mailto:iana.andrade@ucsal.edu.br).

**Liliane Vasconcelos** é doutora em literatura e cultura. Professora do Curso de Letras da Universidade Católica do Salvador. Líder do grupo de pesquisa temporalidades urbanas. E-mail: [liliane.vasconcelos@pro.ucsal.br](mailto:liliane.vasconcelos@pro.ucsal.br).

RESUMO	ABSTRACT
<p>O presente artigo tem como objetivo a discussão dos sentidos que a cidade ganha no contexto do isolamento social provocado pelo Sars-CoV-2, causador da atual pandemia de covid-19, fazendo considerações sobre a relação do sujeito urbano com a cidade que habita, seus afetos, sua memória, e a saudades das experiências urbanas. É problematizado também quem tem direito a essa saudade e quem são os grupos mais prejudicados com o isolamento ou a falta dele, a partir das imagens representadas pela literatura enquanto refúgio em relação às agruras de uma pandemia, como também instrumento e ferramenta de registro do momento vivido. Para tanto, foi utilizado o método qualitativo, através de uma pesquisa documental. Dessa forma as narrativas são lidas e desenvolvidas a partir de uma óptica multidisciplinar que busca analisar os sentidos da cidade num momento de pandemia, quarentena e isolamento social, que altera todo o paradigma do cerne da urbe. Diante dessa perspectiva, percebemos que as narrativas literárias constroem e</p>	<p>The present research aims the discussion of the meanings that the city acquire in the context of social isolation triggered by Sars-CoV-2, the catalizer of today's pandemic of Covid-19, considering the relation of the city dwellers with the city that it habitats, its affections, memories and the longing for the urban experiences. It's also problematized who has the right to this longing and who are the most harmed groups by the isolation or the lack of it, through the pictures drawn by literature while a refugee for the bitterness of a pandemic as also a register tool of a lived moment. Therefore, narratives are read and developed through a multidisciplinary optics that seeks to analyze the significance of the city in a pandemic time, quarantine and social isolation that changes all the core of urban stigma. In face of this perspective, literary narratives are notoriously building and assisting the urbane perception of cities</p>



auxíliam na percepção urbana das cidades em pandemia.	in a pandemic situation.
--	--------------------------

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Cidade; Isolamento urbano; Pandemia; Literatura.	City; Urban isolation; Pandemic; Literature.

# INVENTÁRIO

## 1 INTRODUÇÃO

A pandemia do covid-19 chegou inesperadamente, mudando nossa rotina, nossa forma de viver, e por conseguinte, a forma de nos relacionarmos com a cidade. O confinamento se tornou necessário para nos proteger do vírus que pode nos colocar na posição de hospedeiros e transmissores, e assim barrar o seu contágio. Com o retraimento para dentro de nossas casas, a cidade se isolou nela mesma. Seus protagonistas, seus barulhos e as suas vivências foram suspensos na tentativa de empecar a realidade caótica que o coronavírus trouxe consigo.

Ítalo Calvino, na obra *As cidades invisíveis* (1972), apresenta-nos um novo modo de olhar as cidades: percebemos que ela não é apenas um conjunto geográfico, mas sim uma relação do espaço físico com o contato humano. Isso significa que, para além da pedra, a cidade é constituída, sobretudo, das relações humanas, e em vista disso, podemos relacioná-la a desejos e à memória.

Desse modo, entendemos que a cidade se constitui como experiência urbana desde sua origem, é o encontro, a relação e a multidão. Imagens que tiveram seu cerne na constituição da modernidade. Nesse sentido, a cidade passa a ser algo muito mais complexo do que ruas e edifícios, e cada cidade é única em suas histórias e construções. Com tamanhas vivências em seu âmago, podemos dizer que a cidade eterniza memórias. E como a urbe<sup>1</sup> é este espaço para as relações sociais, sendo o centro dos encontros, das possibilidades, da multidão, fica a problemática que é pensar como ficaram as cidades quando seus transeuntes estavam isolados e qual sentido a cidade adquire dentro de um isolamento urbano e social.

É nesse sentido que o presente trabalho busca, a partir da literatura - que nos serve aqui como um bom caminho para discutirmos a concretude da situação através das palavras de escritores que narram o momento de pandemia e a relação do sujeito com o

---

<sup>1</sup> Centro urbano ou cidade.

urbano - pensar a cidade quando essa se encontra desfigurada do seu sentido maior.

Para tanto, foi utilizado o método qualitativo, através de uma pesquisa bibliográfica. As discussões são feitas a partir de contos e crônicas, a saber: *Vizinhança* de Lorena Grisi (2020), *O que a quarentena nos rouba*, de Julián Fuks (2020), *A dama de branco* de Sérgio Santana (2020), *Entre máscaras* de Thais Hallais Verissimo (2020), e *Becos, vielas, afoxés e congados* de Cidinha da Silva (2020).

Para fins de organização, o presente trabalho foi estruturado e dividido da seguinte forma: na primeira sessão intitulada de “Cidade e isolamento”, é versada uma discussão sobre a cidade em pandemia, e os novos sentidos que ela adquire dentro de um isolamento social, e suas consequências para diferentes realidade sociais; na segunda sessão, “A cidade e a literatura”, é discutido sobre como a literatura é um potente instrumento de registro e discussão acerca do cenário epidêmico, onde autores, através de suas subjetividades, narram suas impressões sobre a cidade que é atravessada pelo covid-19. Por conseguinte, na sessão “A cidade e os afetos”, é destacada a relação do afeto na cidade, e como este afeta os transeuntes e habitantes da urbe, levantando observações sobre individualismo, o envelhecimento e o isolamento. Finalmente nas considerações finais, há uma breve retomada sobre o tema geral do trabalho e os resultados da pesquisa.

Ademais, é discutido também sobre como os discursos sociais que estão inseridos na cidade se manifestam na pandemia, haja visto que toda conjuntura social sofreu alterações neste período, incluindo os nossos afetos e a forma de nos relacionarmos.

## 2. A CIDADE E O ISOLAMENTO

Apesar de não ser a primeira pandemia que o mundo já enfrentou, essa é a primeira que muitos estão vivenciando. A princípio o coronavírus foi retratado por muitos, até mesmo pelo então presidente Jair Bolsonaro, como um tipo de histeria coletiva ou “gripezinha”, mas a situação ficou alarmante e mexeu com toda a estrutura e

funcionamento das cidades, e por conseguinte, do sujeito urbano.

A experiência de passar por uma quarentena decorrente de um vírus faz com que a visão da urbe, antes cheia e movimentada, fosse substituída por ruas vazias. As antigas experiências urbanas do convívio, da circulação, do contato inesperado com o outro, das formas afetivas do olhar, da paquera nas ruas foram suspensas; as cidades brasileiras ganharam outros formatos nos quais a dinâmica do cotidiano passou a ser regida pela exclusão do contato, pelo medo do invisível, da aglomeração de pessoas, no que elas podem ocasionar com respingos da saliva e do suor.

As ruas aglomeradas e o comércio se tornaram espaços proibidos para os cidadãos, principalmente os idosos, considerados os mais suscetíveis ao coronavírus, de acordo com informações divulgadas pelo médico Drauzio Varella (2020).

Dessa forma, o medo da peste, e conseqüentemente da morte, pode ser verificado no último conto do escritor Sérgio Sant'Anna, que veio a falecer de covid-19 em maio de 2020:

Crio para a dama de branco uma história. Ela me conta sobre sua infância. De como gostava de passear em sua rua de Botafogo de mãos dadas com uma amiga muito especial. De como ela amava essa amiga que morreu muito jovem, de uma doença misteriosa. Mas antes teve tempo de falar que a esperaria. Não foi egoísta a ponto de pedir que a dama de branco também a esperasse ou partisse logo para se juntar a ela. Então a dama de branco teria experimentado várias relações, sempre com um sentido de incompletude, até que chegou este tempo da peste e ela está em isolamento como eu. Às vezes, penso que a dama de branco é a própria morte. Sei que isso é um modo de prendê-la e logo me penitencio e sei que em outro momento pensarei outra coisa. A morte não passa de uma obsessão minha. (SANT'ANNA, 2020, p. 03)

Se pensarmos a cidade como local de encontro que pode ser voltado para atender às necessidades da sua população, proporcionando coisas essenciais como saúde, educação, comércio e lazer, percebemos que, enquanto moradores da cidade somos produtos do encontro, e com a situação pandêmica em seu momento de descontrole, fomos impossibilitados de aproveitar esses encontros de forma concreta, logo, precisamos ressignificar o uso desses lugares, já que a maioria desses espaços não foram usados de

forma efetiva, seguindo o propósito pelo qual eles foram criados. A cidade, que é a essência da vida urbana, se torna o plano de fundo que possibilita essas trocas. E se as cidades são constituídas pelo encontro, é preciso pensar os sentidos de cidade no contexto do isolamento social.

Observa-se que permanecemos conectados com a cidade através das lembranças, mas se problematizamos essa visão, percebemos que a saudade aqui se torna privilégio, pois a classe trabalhadora permaneceu exposta, já que muitos não tiveram o direito de preservar sua saúde com o isolamento social no ápice da pandemia e precisaram sair de suas casas para garantir a sua renda e seu sustento.

Podemos citar, nesse contexto, os entregadores de delivery, à mercê do trabalho informal, fruto de uma sociedade neoliberal. Além deles, de acordo com Dias (2020): “Para trabalhadores informais, como camelôs e faxineiras, por exemplo, o *home office* é um privilégio.”

Podemos aproveitar esse momento oportuno para também pensar o planejamento e construção da cidade que habitamos, e assim perceber seus aspectos negativos que ficaram escancarados com a crise do covid-19, como exemplo as desigualdades produzidas pela divisão centro/periferia, e a dificuldade em praticar o isolamento social na realidade urbana periférica, uma vez que não foi considerado um isolamento social que estivesse de acordo com as relações e estrutura das comunidades, como as casas interligadas e a grande circulação nas ruas que parecem ser conectadas, conforme explica Gonçalves (2020).

Os modos de prevenção do vírus também se tornaram um problema no contexto periférico porque muitas comunidades não têm acesso a água, saneamento básico e espaço suficiente em suas residências para praticar certo distanciamento dos outros familiares, ou separar utensílios que são compartilhados, como talheres e copos, a fim de evitar uma transmissão do vírus caso alguém da casa fosse contaminado.

Ademais, a grande classe trabalhadora pobre que está exposta ao vírus reside em

áreas periféricas, o que pode causar um grande índice de contaminação a esses moradores da região. Quem tem pouca renda, ao se infectar, teve e tem o tratamento dependente do SUS, mas o sistema de saúde sofre de superlotação e falta de leitos, o que significa que o tratamento para os casos agravados não é uma certeza. Em relação a isso, a escritora Cidinha da Silva nos lembra em seu texto que para os pretos e pobres da cidade a garantia de acessar os serviços de saúde é ainda mais difícil. A cidade parece escancarar que para pobres e pretos moradores das periferias não há vez:

No meio do caos é preciso cultivar a alegria para manter a saúde mental, ensinam os afoxés e o congado que saúdam as ruas e as limpam para que vivamos em paz e nos chegue a fartura, muitas vezes ausente de nossa mesa. Alegria, agora, a ser vivida dentro de casa, porque para nós, gente negra, não haverá vaga em hospital, e se houver, não haverá respirador, isso, se chegarmos vivas ao hospital, se os ratos e baratas cascudas não quebrarem a ambulância no meio do caminho. (SILVA, 2020, p. 15)

Além disso, um grande fator de risco são as doenças pré-existentes. Pessoas que venham a se contaminar com o covid-19 e possuam um histórico com essas doenças, como a asma, diabetes, hipertensão, doenças cardíacas, e etc., podem sofrer mais complicações com o vírus, e nisso mora um grande problema, pois pessoas em situação de vulnerabilidade econômica não possuem, em sua grande maioria, plano de saúde, ficando assim à mercê do SUS, onde há uma grande dificuldade para conseguir atendimento médico. Por outro lado, grande parte da classe média tem uma condição melhor para o tratamento e acompanhamento médico dessas doenças, pois eles podem contar com grande assistência médica.

Em relação a isso, o biomédico Jonathan Vicente, em entrevista para o site Ponte, diz o seguinte a respeito das desigualdades sociais que ficaram em evidência durante o ápice da pandemia:

O vírus ataca todos, porém, infelizmente a população mais vulnerável são os pobres. Deveria haver políticas de prevenção para essa população também, já que se há desigualdades, há desigualdades no quesito saúde e bem estar. O pobre não possui a mesma qualidade de saúde que o rico. A classe rica possui os melhores hospitais, convênios e até mesmo alguns tratamentos de qualidade mais avançada

---

que o pobre, que representa uma grande parcela da população. (VICENTE, 2020, p. 1)

Assim, pensando nas complicações do vírus e o que ele desencadeia, para além da área da saúde, podemos visualizar a vivência de diferentes pessoas a depender do seu território na cidade.

Questionadas as diferentes vivências em relação a pandemia e ao vírus, e refletindo quem tem direito a quarentena, é possível adentrar em discursos sociais e até repensar os lugares que cada um ocupa na sociedade, a exemplo, do espaço de atuação dos idosos, tidos como principal grupo de risco, sendo necessário considerar sua qualidade de vida, dando uma atenção especial ao seu emocional, pois pode haver outros tipos de fragilidades para além do medo do coronavírus, e planejamentos para o envelhecimento saudável.

Importante ressaltar que a segregação e a exclusão têm uma relação cultural, social e econômica. Se analisarmos as mortes em massa provocadas por covid-19, é possível estabelecer uma ligação direta a questões sociais e raciais. As desigualdades ficaram escancaradas com a pandemia, pois os grupos que mais estão sendo afetados com a covid-19 já sofriam antes mesmo do contexto pandêmico. Assim, podemos observar que o coronavírus têm consequências econômicas, sociais e políticas, mas elas não serão sentidas da mesma forma por todos, conforme explica Miranda (2020).

Assim, posto isso, compreende-se que os sentidos de cidade em isolamento podem se manifestar de diferentes formas, a depender do contexto socioeconômico, da faixa etária e territorial de cada pessoa, e isso pode ser observado através da literatura, que neste trabalho é o nosso meio de discussão.

### 3 CIDADE E LITERATURA

Analisamos os sentidos da cidade de outra forma: não mais andando e passeando



por seus becos e vielas, mas procurando seu significado no inconsciente coletivo que ela produz. Os acontecimentos urbanos constroem o repertório da cidade, mas foi preciso adaptar esse referencial para a nossa realidade vigente. É dessa maneira que se torna importante perceber como a literatura e os escritores, através de suas subjetividades, observam a cidade que foi marcada pela pandemia.

No que pese a história das pandemias, as doenças infecciosas já marcam nosso imaginário coletivo, pois essa não é a primeira pandemia que ascendeu no mundo. A literatura, além de ter ajudado muitos a passar por esse momento de isolamento social, sendo uma aliada da saúde mental, tornando-se abrigo e acalanto, pode ter também a função de relatar, descrever e difundir, a partir de uma multiplicidade de olhares, o contexto de pandemia.

Muitos escritores, de diferentes gêneros, já descreveram outros cenários epidêmicos e todas as questões que o envolvem. O escritor renascentista, Giovanni Boccaccio, em sua obra *Decamerão* (1353), traz a narrativa dos jovens que se refugiaram em Florença, a fim de fugir da peste que atingiu o mundo na segunda metade do século XVI, tendo seu ápice na Europa; a obra renomada de Albert Camus, *A peste* (1947), levanta questionamentos usando metáforas sobre qual a melhor forma de lidar com a peste, trabalhando questões como opressões e resistência.

No contexto brasileiro, podemos lembrar-nos do texto de João do Rio intitulado “A peste” que compõe o livro de contos *Dentro da noite* de 1910. No período da *Belle Époque* carioca e de vasta transformação urbana na capital da república, o autor descortina a euforia de uma modernidade em face de uma cidade adoecida pela presença da febre amarela no início do século XX. A partir de um olhar sensível para o contexto doentio que a cidade enfrentava, João do Rio traz à cena a dificuldade da despedida de dois amigos após um deles ser acometido pela peste e ter que se internar no hospital:

Faço um esforço, salto. E vou. Vou devagar, vou não querendo ir. A impressão de fim, de extinção violenta! Aquele recanto, aquele hospital com ar de cottage inglês aviltado por usinas de porcelana, é bem o grande forno da peste sangrenta. Como deve morrer gente ali, como devem estar morrendo naquele instante. Desço a rua

atordoado, com um zumbido nos ouvidos. O mar é um vasto coalho de putrefações, de lodo que se bronzeia e se esverdeia em gosmas reluzentes na praia morta. O chão está todo sujo, e passam carroças da Assistência, carroças que vêm de lá, que para lá vão. Quase não há rumor. É como se os transeuntes trouxessem rama de algodão nos pés. Só as carroças fazem barulho. E quando param — como elas param! — é o pavor de ver descer um monstro varioloso, desfeito em pus, seguindo para a cova (RIO, 1910, p.151)

O conto, apesar de ter sido escrito em outro século, em outra epidemia, se torna atual por apontar o sentimento de pavor e aflição que a pandemia do coronavírus nos trouxe. Como o personagem do conto, questionamos a respeito das vidas que podiam estar sendo ceifadas a cada instante, visto que tivemos taxas diárias de morte com números elevados, e podemos voltar a ter, já que o vírus sofre mutações. As carroças que fazem barulhos podem ser interpretadas como os atuais carros fúnebres que têm como função levar os corpos falecidos. E as agruras, o medo, a narrativa da inquietação, lembram muitos os sentimentos compartilhados dentro do contexto do coronavírus.

Outrossim, as crônicas que trazem as narrativas de acontecimentos do cotidiano e de cenas urbanas, nos revelaram sentimentos que foram vividos no momento mais agravante da pandemia. A escritora baiana Lorena Grisi, em seu conto *Vizinhança* (2020), narra a história de dois vizinhos de prédio que nunca tiveram muito contato, e que estão cumprindo o isolamento em suas casas. Ainda que estejam trancafiados em casa, impossibilitados de viver na cidade, conseguem senti-la presente através dos barulhos produzidos pelas ruas. Percebemos que a cidade ainda se mostra viva e presente, mas de outras formas. O sentimento é de estar nela e não poder aproveitá-la. Inferimos também que a cidade, nesse texto, é lembrada mais através da memória, das lembranças do que é da rua e suas representações:

Isolados em casa, ele, ela, todo um edifício, toda uma cidade, todas as cidades. (...) Os sons da rua se intensificam, melhor fechar as janelas da casa toda, ele imagina; melhor espiar da varanda se é farra contrariando o isolamento ou se é gente gritando ladrão como costuma acontecer em todas as grandes cidades, supõe ela. (GRISI, 2020, p.01)

Julián Fuks, em seu conto *O que a quarentena nos rouba? Inventário de saudades e perdas íntimas*, compartilha os sentimentos que ele percebeu a partir dos questionamentos trazidos por sua filha, um sentimento de saudade de coisas que antes não nos dávamos conta, como o inesperado que os encontros proporcionam e os discursos compartilhados pelo outro:

Entendi melhor o que eu mesmo sentia ouvindo a minha filha mais velha, na sinceridade desabrida de seus quase três anos, acompanhando seus anseios indiscretos. Desde o início ela negou sentir falta da escola, e pouco lamentou a ruptura total da rotina, como se só estar em casa com a mãe, o pai, a irmã tão nova em sua vida pudesse lhe bastar completamente. Há algumas semanas, porém, ela começou a fazer interrogatórios insistentes: o que a vovó está dizendo agora, o que a prima está dizendo, o tio, o amigo, a vizinha, o que todos os vizinhos, o que todo mundo está dizendo? Ela não sente uma falta protocolar dos outros, é o que percebo. Sente falta de suas vozes, de suas frases corriqueiras, do mundo inesperado que se abre a cada palavra alheia. (FUKS, 2020, p. 02)

Fuks, através do seu texto, nos aponta que a imersão na cidade nos permite uma produção de narrativas que derivam da experiência urbana e dos encontros, desse modo passamos então a questionar como ficam os contatos culturais e os encontros com aquilo que é inesperado nesse contexto da quarentena.

No conto da escritora Thais Hallais Verissimo, é narrada a estranheza da personagem que, ao ter o seu namorado acometido por uma febre, precisa sair do isolamento para ir a uma farmácia no Rio de Janeiro. Salta aos olhos do leitor toda a aflição, o medo e a ansiedade da personagem por sair na rua. Quando ela finalmente cruza o seu portão, depara-se com uma rua até então desconhecida: a multidão, o vai e vem, os barulhos dos carros, os desfiles dos transeuntes, enfim, as imagens que outrora representavam a cidade são subsidiadas por um vazio, um silêncio, uma carência, um isolamento:

Ao cruzar o portão percebo que o mundo tal como eu conhecia mudou. As ruas parecem cenário de alguma série de zumbis. Poucos carros, lojas fechadas e os pedestres usando máscaras de pano ou descartáveis, os olhos tensos, o passo apressado. (HALLAIS, 2020, p.98)

Ante o exposto sobre a forma como os escritores na literatura estão pintando a cidade pandêmica, coloca-se a problemática que é pensar os significados de cidade, uma vez que os protagonistas dela estão isolados em suas casas, afastados entre si, longe do lócus urbano, e assim, discutir também sobre como o afeto foi afetado quando estávamos impossibilitados de nos relacionarmos de forma presencial, e toda a troca realizada com o outro estava à mercê das telas virtuais.

#### 4 A CIDADE E OS AFETOS

A cidade produz afetos (PECHMAN, 2009, p. 352). As experiências afetivas urbanas mostram as relações dos habitantes com a sua cidade. A urbe, como espaço de encontro de alteridades, promove uma relação entre os sujeitos e os espaços públicos, daí nascem os afetos no contexto da cidade. É difícil observar dessa forma visto que a sociedade moderna traz consigo o individualismo e o egocentrismo, uma vez que a falta do outro já existia em algumas pessoas bem antes do isolamento social provocado pela pandemia, porém ela agora está sendo manifestada em uma escala maior, de uma forma geral. Isso pode ser observado nos escritos de Sérgio Sant'Anna, no seu conto *A dama de branco*:

Não consigo deixar de pensar na dama de branco deitada comigo, quem sabe nua, com seu corpo esguio, mas isso me parece um sacrilégio. A dama vem à minha mente como uma pessoa solitária como eu, não imaginando que a possam observar em sua caminhada, nesta hora tão deserta. Nem transaríamos, pois já estou com setenta e nove anos. (SANT'ANNA, 2020, p. 03)

O personagem, com setenta e nove anos, se vê privado de certos prazeres, pois com essa idade a sociedade se revela castradora. Assim sendo, a dama de branco soa

como um prelúdio. Talvez seja o temor e medo que habita internamente no narrador que o faz projetar essa visão, sendo possivelmente uma representação daquilo que ronda o seu íntimo. A solidão que a dama de branco revela ao idoso nos convida a questionar o isolamento que o envelhecimento traz consigo, fora ou dentro do contexto pandêmico, onde o distanciamento se faz necessário, pois, antes da pandemia, a mobilidade do idoso a certos lugares da cidade já era um pouco comprometida, mas agora ele se vê impossibilitado de sair de casa para ir às ruas, lugar onde pode se sentir parte da urbe e entrar em contato com pessoas. A falta dessas experiências pode resultar em solidão, sentimento que se torna mais grave em pessoas com a idade avançada, comprometendo a saúde mental e o bem estar.

Outrossim, a cidade, na quarentena, deixou de ser um espaço para conhecer locais e pessoas novas, o que nos revela também o sentimento de solidão. Evidente que hoje, com a tecnologia em ascensão, conseguimos nos comunicar de várias formas, ainda que de longe, mas isso não é o bastante para suprir a nossa falta, porquanto o virtual jamais substituirá a experiência física.

Podemos repensar também os modelos urbanos e a construção dos espaços que nos fazem ser individualistas mesmo antes do isolamento começar. Alguns escritores e filósofos já se debruçaram a criticar esse isolamento pessoal e até mesmo a liquidez das relações, como Bauman (2001). São vários os motivos que ajudam a desencadear a forma individualista em que o homem pode se encontrar. Seja o próprio planejamento urbano ou a questão econômica e política que pode atuar diretamente em nossa subjetividade, o fato é que a solidão não é uma questão tão nova assim.

É bem verdade que o sujeito contemporâneo já está adentrado na realidade virtual aumentada, já que vivemos na “sociedade da internet, do espetáculo e do hiperconsumo” como aponta Pimentel (2019, p. 51). A internet que hoje está sendo fundamental para aproximar pessoas que estão afastadas fisicamente, também pode ser um meio de afastamento. Estamos passando por uma mudança nos relacionamentos, e com o advento da modernidade e da globalização, o presencial está sendo preterido em prioridade das

relações digitais.

Antes mesmo do isolamento da quarentena, o afastamento já estava acontecendo de forma isolada, de modo que o homem está deixando de ser um ser social para se tornar um homem web, vivendo em sua própria bolha virtual, de maneira que muitos momentos foram deixados de ser compartilhados para que se pudesse viver uma vida online. Por conseguinte, percebemos a necessidade de investigar os afetos ou a falta dele, bem como nossa individualidade e isolamento, e como estamos nos relacionando com o outro, principalmente no momento de isolamento social. Se por um lado a cidade já se configurava, antes mesmo da pandemia, como espaços dos indivíduos solitários, isolados cada vez mais em seus muros. Em contraponto, a escritora Cidinha da Silva lança um olhar sobre a presença do afeto na periferia das grandes cidades. Vale ressaltar que o afeto representado na narrativa é fruto de lideranças comunitárias, grupos de jovens, movimentos sociais que se unem para produzir atos de solidariedade diante dos desmandos sociais escancarados pela pandemia no Brasil.

Nós, gente negra, só nos salvaremos da morte se cuidarmos de nós mesmos e uns dos outros, se nos responsabilizarmos pelos nossos que mais precisam. É isso que grupos de jovens, lideranças comunitárias, grupos artísticos e organizações como a Cufa (Central Única das Favelas), têm feito diante da ausência do Estado e de políticas públicas, cuidam de nossa gente, zelam por nossa saúde e pela preservação da vida. Asé para quem luta e enfrenta a morte, de pé. (SILVA, 2020, p.01)

A luta para sobreviver ao tempo tão difícil como o da pandemia se reafirmam através de práticas de solidariedade que garantem o direito à cidade e principalmente o direito de continuar existindo e resistindo através do afeto e luta coletiva, presentes nos espaços esquecidos pelo Estado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil definir com precisão o que é a cidade, mas essa ainda pode ser definida

por sua função ou paisagem, de acordo com a visão de quem a enxerga, visto como cada pessoa traz dentro de si cidades particulares e pessoais, bem como os seus desejos, projetos, afetos e memórias. O fato é que seus sentidos estão sempre se atualizando, pois o seu processo e as vivências nela são dinâmicas e influenciadas por contextos diversos. Assim, a urbe metamorfoseia-se.

A situação pandêmica levanta muitas questões sociais relacionadas ao isolamento. Ora, nem toda a cidade funciona da mesma forma, quer seja pelos seus habitantes ou pela área que ele ocupa, e nem todos sentiram os impactos desencadeados por essa crise pandêmica, vide que as desigualdades sociais são muitas e estão cada vez mais expostas.

Dessa maneira, o presente trabalho se propôs a discutir, através da literatura, a cidade que habitamos. Enquanto somos o produto dos encontros, pensamos na ressignificação dos espaços que não estavam sendo usados e foram adaptados ao momento em que praticamos o isolamento social para evitar a disseminação do coronavírus, podendo, desse modo, questionar velhas estruturas e nossa relação com o urbano.

Já passamos por muitas mudanças ao longo dos tempos que mudaram a definição do que significa uma cidade. Certamente, na pós-pandemia, teremos outros significados no que tange ao seu conceito, bem como seu espaço e seus encontros.

Pensando como a literatura pintou as pandemias e os sentimentos que ela provoca, podemos entender melhor a situação e as crises desencadeadas do momento pandêmico, e até conhecer narrativas que contam, não de forma superficial, as cidades e o que ela representa, e assim temos a possibilidade de ampliar o olhar para o momento em curso.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron**. Tradução: Ivone Benedetti. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.



CAMUS, Albert. **A Peste**. Tradução: Valerie Rumjanek. São Paulo: Record, 1997.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. Companhia das letras, 2ª edição, 1990.

CARVALHO, Fábio Almeida de; MIBIELLI, Roberto; BORGES, Edgar, orgs, **Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos e consequências sobre a vida humana**: dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva. Coleção Literatura de Circunstância; v. 1. Boa Vista :Editora da UFRR, 2020.

DIAS, Paulo Eduardo. 'Quarentena é um privilégio que muitos trabalhadores não podem ter'. **Ponte**. 18 de mar. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/quarentena-e-um-privilegio-que-muitos-trabalhadores-nao-podem-ter/> . Acesso em: 27 dez.2022

FUKS, Julian. O que a quarentena nos rouba? inventário de saudades e perdas íntimas. **Ecoa**. 23, jun. 2020. Coluna Julián Fuks. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2020/05/23/o-que-a-quarentena-nos-rouba-inventario-de-saudades-e-perdas-intimas.htm>. Acesso em: 26 jul. 2020

GONÇALVES, Réia Silva. Por que o isolamento social é mais difícil nas periferias. **Ponte**. 11 jun. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/artigo-por-que-o-isolamento-social-e-mais-dificil-nas-periferias> >. Acesso em 26 jul. 2020

GRISSI, Lorena. **Vizinhança**. No prelo.

MIRANDA, Jessica. Os impactos do coronavírus em um Brasil desigual. **Medium**. 25 de mar. 2020. Disponível em: <https://medium.com/@coisaseria/os-impactos-do-corona-v%C3%ADrus-no-brasil-desigual-89245baa6d83>> Acesso em: 26 jul. 2020

PECHMAN, Robert. 9 cenas, algumas obs-cenas, da rua. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 21 – n. 2, p. 351-368, Maio/Ago. 2009

PIMENTEL, Déborah. O sujeito contemporâneo e a realidade virtual. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte-MG | n. 52 | p. 51–58 | dez. 2019

RIO, João. do. **Dentro da noite**. São Paulo: Antíqua, 2002.

SANT'ANNA, Sérgio. A dama de branco, último conto de Sérgio Sant'Anna. **Outras palavras**. 11 jun. 2020. Poéticas. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/a-dama-de-branco-ultimo-co-de-junto-de-sergio-santanna/>> Acesso em: 31 jul. 2020

SILVA, Cidinha. da. **Aprender com becos, vielas, afoxé e congado**: Um axé para quem enfrenta a  
n. 31, Salvador, jul. 2023





pandemia em pé: pessoas negras. Suplemento Pernambuco. Recife, vol. n. 173 p 15-16, jul. 2020. Disponível em: <[https://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE\\_173\\_web.pdf](https://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_173_web.pdf)>. Acesso em: 30 jul. 2020

VARELLA, Drauzio. Por que os idosos são mais vulneráveis? **Drauzio. UOL** 2020. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/videos/coronavirus-videos/por-que-os-idosos-sao-mais-vulneraveis-coronavirus-20/>> Acesso em: 27 dez. 2022

INVENTÁRIO